



PRÁTICAS EDUCATIVAS EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA: A DIVERSIDADE É A NOSSA IDENTIDADE

Elenilda Sinésio Alexandre da Silva
Universidade Federal de Campina Grande - CDSA¹
E-mail: elenildasnésio@hotmail.com

Aristófanex Alexandre da Silva
Universidade Federal de Campina Grande - CDSA
E-mail: obe.avalon@gmail.com

Rafael de Farias Ferreira
Universidade Estadual da Paraíba – PPGFP²
E-mail: rafaelgeografopb@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca refletir sobre a Educação Inclusiva, diversidade e identidade no contexto das relações sociais. O projeto desenvolveu-se na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor José de Araújo Valença, na turma do quinto ano, no período de março a outubro de dois mil e treze. Vivenciando práticas de educação inclusiva, tolerância, socialização e valores humanos, que buscaram a autoconstrução da identidade de cada um e de todos. As ações realizadas contidas neste projeto contribuíram para um processo de ensino aprendizagem contemplando as diferenças não como dicotomias estigmatizantes, mas como forma de dignificar a vida por meio das singularidades individuais. A partir desta diversidade, compreendemos que todos os alunos têm o direito a uma educação de qualidade, moldada na premissa da garantia de sua inserção na comunidade escola e, por conseguinte em sua sociedade de forma plena, e não apenas matriculado nas redes regulares de ensino. Nessa complexidade, os resultados foram maiores do que o esperado.

¹ Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – Campus Sumé

² Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores



METODOLOGIA

Este trabalho apresenta um projeto desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor José de Araújo Valença de Monteiro – PB, no intuito de trabalhar a inclusão escolar a partir da diversidade e da identidade como recurso facilitador do ensino aprendizagem e das relações sociais dos alunos da classe do 5º Ano. A proposta desenvolveu-se a partir do contexto e da realidade dessa escola, uma vez que se observou um nível altíssimo de indisciplina, falta de vivência em valores humanos e um crescente número de portadores de necessidades especiais que estão chegando a essa Instituição. Foi com base nessa observação que surgiu a necessidade de realizar um trabalho que pudesse estreitar laços de relacionamento entre os alunos, aumentar a autoestima, promover a socialização, o respeito, a diversidade e a inclusão escolar. Mas, que ao mesmo tempo possibilitasse a estes alunos condições de aprender e superar suas dificuldades linguísticas, matemáticas e culturais.

E foi a partir dessa análise que envolvemos não só o aluno com necessidades especiais, mas todos os educandos, dando-lhes o direito de serem iguais, de serem ouvidos, de serem únicos, de serem diferentes, de serem cidadãos. Diante dessas reflexões, o objetivo principal foi de propiciar múltiplas vivências educacionais a todos os alunos e contribuir para a construção da sua identidade, respeitando e valorizando a diversidade humana.

O projeto buscou alicerçar-se na teoria de que a escola inclusiva deve ser um ambiente que aceite as minorias sociais, independente de sua cor, classe, gênero, etnia ou limitações individuais, e deve atender ao princípio de aceitação das diferenças, promovendo o desenvolvimento da identidade de cada um e de todos, criando sentidos para dignificar a vida e as vivências no conviver, *“não se deve deixar-se levar pelo que se veem, pois o que não veem com seus olhos é muito mais significativo”* (MIGLIORI, 1998) e que valores são investimentos afetivos. Assim, não existem valores sem relações sociais e não há identidade sem diferença.

Atividades esportivas ao ar livre, em praças e áreas de esporte públicas e caminhadas pelas ruas da cidade foram muito importantes para a construção da disciplina, da cooperação, da solidariedade e da superação de limites impostas



pelas necessidades especiais de alunos com síndrome de Down, deficiência física, visual e autismo. O processo de interação dos portadores de necessidades especiais com os outros alunos estreitou vínculos de convivência, criou laços de relacionamentos pessoais e fez com que a necessidade passasse despercebida diante da existência do ser humano como pessoa. Esses momentos fizeram com que os alunos elevassem sua autoestima, demonstrassem a alegria que sentiam ao serem instigados a superar suas limitações, trabalhando a competição como recurso saudável de convivência, além de ensinar-lhes a lidar com as emoções do ganhar e do perder. Assim, compreende-se Hall, quando diz que a identidade deve ser vista como uma *“produção, que não está nunca completa, que está sempre em processo, e é sempre constituída no interior, e não fora, da representação”* (HALL, 1994, p. 222 apud SILVA, 1999, p. 25).

Para Silva (2008), dentro da teoria cultural contemporânea, a identidade e a diferença precisam ser representadas, já que as mesmas estão ligadas a sistemas de significação e representação para que tenham sentido e possam existir. Essa questão se fundamenta nas relações e sistemas de poder. Segundo o autor, *“quem tem o poder de representar, tem o poder de definir e determinar a identidade [...]”*. Para ele, *“questionar a identidade e a diferença significa, neste contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação”* (SILVA, 2008, p. 91).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Refletindo esse pensamento, verificou-se que o ambiente escolar da realização desse projeto não contempla os padrões mínimos de acessibilidade, isso fez com o projeto saísse dos muros da escola e encontrasse a comunidade. Essa possibilidade de transição político-pedagógica, em que a busca pela inclusão passa a ser tarefa de todos, as relações sociais constituem-se como importante aliada no processo de inclusão de crianças com deficiência no sistema regular de ensino. Entende-se que o processo inclusivo ainda é visto pelas escolas de forma rudimentar. E, pelo viés da contemporaneidade, as instituições de ensino precisam oferecer uma educação que contemple a diversidade de forma inclusiva, onde seus



profissionais estejam conscientes da importância da inclusão e do seu papel na consolidação desse processo, também, urge um professor que compreenda que o “[...] *[seu] papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito das intercorrências*” (FREIRE, 1996, p. 84).

Por fim, o trabalho foi apresentado aos pais e a comunidade, em um momento cultural, no qual os alunos participaram com músicas e coreografias simples. Houve uma pequena amostra dos trabalhos práticos e alguns pais e outros professores falaram sobre as emoções e alegrias que o projeto proporcionou.

Tudo isso foi possível porque nós acreditamos que a escola deve atender às diferenças sem discriminar, assegurando ao aluno portador de necessidades especiais a participação no processo ensino aprendizagem.

A diversidade enriquece pelo simples motivo de se aprender com o diferente. É com esse pensamento e com essa experiência que desejamos construir uma sociedade inclusiva mais justa e livre de preconceitos.

CONCLUSÕES

De fevereiro de 2013 até 25 de outubro de 2013, verificaram-se muitas mudanças na escola e nos profissionais nela inseridos. O trabalho com a inclusão escolar abriu as portas para uma diversidade de novas propostas. Os professores estão construindo a Proposta Pedagógica o Projeto Político e Pedagógico da Escola, que até então não existia. Por parte da gestão municipal, a escola foi atendida em seu pedido de reforma e recebeu um projeto de reconstrução de um novo prédio escolar com recursos do programa Pacto Pelo Desenvolvimento Social da Paraíba.

No que se refere a indisciplina, podemos dizer que alcançamos uma significativa mudança de paradigmas, os alunos estão mais tranquilos e solidários. A aprendizagem tem avançado consideravelmente, para isso há um maior investimento no lúdico e tem-se contado com a participação dos monitores do Programa Mais Educação na elaboração dessas atividades a fim de subsidiar estratégias que auxiliem o professor da sala regular. A vinda dos pais ou responsáveis à escola tem sido mais frequente e não apenas em reuniões escolares.



No campo da educação inclusiva, os resultados estão além do que era esperado. O aumento de alunos portadores de necessidades especiais aumentou consideravelmente, mas sempre com o cuidado de não se tornar uma escola de Atendimento educacional especializado.

Inicialmente havia apenas um cadeirante, em março a escola recebeu um aluno com baixa visão, em abril um com transtornos globais do desenvolvimento, em maio chegou um altista e um com síndrome de Down, em julho recebeu-se mais um aluno com deficiência mental e em agosto chegaram um com paralisia cerebral. Assim confirma-se que o projeto tem ganhado respaldo na comunidade e vem promovendo a inclusão escola dentro daquilo que a Constituição Federal e o Ministério da Educação, asseguram e propõem. Sem dúvida houve um avanço. O trabalho irá continuar na previsão de elevar os índices de desenvolvimento da educação da escola e acolher a todos os alunos com respeito e dignidade, construindo sua identidade na diversidade de seres humanos.

Com isso, espera-se o surgimento de outras propostas na perspectiva inclusiva, que novas reformas possam ser discutidas, aprofundadas, reinventadas e de preferência bem sucedidas no cenário educacional especial inclusivo, pois as discussões não se limitam neste texto que pretende instigar novas leituras, análises, considerações e atitudes favoráveis a uma política de educação para todos sem estigmas, discriminação e segregação.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: D&A, 2000.
- MIGLIORI, Regina de Fátima. [Et al]. Ética, valores humanos e transformação. São Paulo: Petrópolis, 1998.
- SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) Identidade e diferença. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). Identidade e diferença. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.